



Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário • 22 de Abril de 1989 • Ano XLVI — N.º 1177 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O DIREITO DA FAMÍLIA

A propósito do problema da habitação e da sua fundamentalidade teve ocasião de sublinhar, no penúltimo jornal, a falta de uma voz oficial que, no concerto da governação, se levante a defender este e outros direitos da Família, que definha e tantas vezes se vê destruída pela não satisfação desses direitos que a Constituição consigna mas a prática governativa não contempla. E uma vez mais contestámos o desequilíbrio resultante da «ênfase» posta nas obras públicas, que na verdade conhecem um momento áureo, e o mesquinho resto reservado à construção residencial.

No decurso da quinzena assistimos a mais um passo legal no agravamento das dificuldades de acesso

à habitação, como se a casa entrasse no rol dos bens sumptuários, cujo consumo urge restringir numa nação que tem de recuperar de um profundo atraso — construindo a sua prosperidade mais por si do que encostada a auxílios externos.

A filosofia subjacente a tal opção, privilegiando, no imediato, as coisas relativamente às pessoas (embora afirme que são estas o topo da sua consideração), acaba sempre por relegar para um depois *sine die* o que é primário — e a casa, como *habitat* do homem, como condição de vivência familiar, pertence a esta classe de valores. E sem homens validamente crescidos no meio que lhes é próprio — como recuperar a nação do seu profundo atraso?; como construir a prosperidade que

assegure o bem-estar e tranquilidade dos seus cidadãos e a dignifique no concerto das nações?

Aqui se põe o papel da Família como «factor decisivo na Educação».

Em reunião internacional, há meses realizada na Irlanda, sob o tema «O Progresso passa pela Família», o Secretário de Estado norte-americano para a Educação afirmou, «sem sombra de dúvida», que a Família é a mais importante instituição «no esforço por melhorar o rendimento educativo nos Estados Unidos. Em segundo lugar, vem a Escola». E apontou o exemplo do Japão em que «o segredo do êxito parece poder atribuir-se à Mãe japonesa, que é ela quem ensina os filhos desde a infância».

A notícia a que me reporto, cita um estudo feito com 1400 famílias procedentes do Sueste asiático, «na maioria camponeses e pescadores pobres». Porquê os gerais bons resultados escolares conseguidos pelas suas crianças e jovens? A conclusão foi esta: «O factor mais importante era a hierarquia de valores que os pais inculcavam nos filhos: em primeiro lugar, trabalho duro e coesão familiar; só em último, poder de compra e divertimentos».

E mais adiante, lê-se: «A Família é o autêntico Ministério da Educação, da Saúde e do Bem-estar». E porque assim se entende nos Estados Unidos (até pela constatação do êxito escolar entre os refugiados pobres que da Ásia acorreram àquele país tão rico), a política, nomeadamente nestes sectores, é «fortalecer a Família». O próprio Presidente Reagan pedia que quando se preparasse legislação, se estudasse as suas implicações sobre a Família. E, «segundo as suas possíveis consequências, assim se deve-

ria apreciar a oportunidade do decreto». Mais. Das próprias Famílias se espera que façam ouvir a sua voz, que nenhuma outra pode substituir.

Porque, «em nenhum outro campo, como na Educação, é tão evidente a importância da Família» — termina o Secretário da Educação norte-americano — «é preciso ter muito cuidado para que a acção política e social do Estado não debilite a principal Instituição que protege os nossos filhos». E «quando uma família falha, que o Estado supra... procurando imitar o que faz uma família responsável».

Parece-me bem longe deste pensar, deste sentir, «sem sombra de dúvida», o pretendido «humanismo» que nos rege. Será que a tese desta recente reunião internacional na Irlanda — «O Progresso passa pela Família» — é assumida entre nós?...

Curiosamente, a interpelação chega-nos dos dois países economicamente mais evoluídos do mundo: uma voz da América do Norte; um exemplo do Japão.

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

«Peço para comer.» (De um cartaz na baixa lisboeta)

Ao longo dos anos temos aflorado, nestas colunas, o espectáculo degradante daqueles a que se convencionou chamar «expostos» nas ruas de maior movimento

da Capital, sobretudo na zona da baixa. Homens e mulheres, com crianças à mistura, à laia de isco sensibilizador, mostram as suas deficiências ou chagas, procurando atrair as esmolas dos transeuntes mais atentos. Causam-nos grandes preocupações, sobretudo as crianças de tenra idade espojadas no chão, ao frio e à chuva, pelas consequências nefastas para a respectiva saúde. De qualquer modo, é sempre um panorama bastante triste que não conseguimos afastar da mente, por nos considerarmos solidários com todos.

Sabemos, por experiência, que as pessoas se servem muitas vezes de artimanhas ou dos mais variados estratagemas para angariarem os donativos de quem passa, tendo, até, nalguns casos, bastante êxito material. Diremos que se trata de uma maneira fácil de arranjar dinheiro com pouco trabalho, pelo menos em grande número de situações. Infelizmente, porém, há reais problemas dignos de uma resposta adequada e eficaz.

Pensamos que, à falta de melhor, se poderiam criar, dentro dos Ser-

FESTAS

As Festas estão aí como um cartaz vivo do que foi o Padre Américo, do que ele sonhou, escreveu e realizou na outra face reveladora da sua alma: as Casas do Gaiato.

Assistir a um espectáculo dos nossos é dizer toda a poesia e beleza que encerram as nossas Comunidades, esquecendo o que escondem de exigência e dor. É dizer o sonho oculto na personalidade de cada criança, adolescente e jovem que acolhemos. É deixar-se embalar nesse sonho como realidade palpável, tonificante, animadora de todos os sacrifícios. É colher, à distância, antecipadamente, no tempo, os frutos saborosos do que vamos semeando com a colaboração preciosa

Continua na página 4



Continua na pág. 4

Casa do Gaiato de Lisboa: A indiscreção do fotógrafo reflectiu-se na imagem!

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

ESCOLA — Começaram as aulas do terceiro período, pois o aproveitamento do segundo não foi muito famoso. Vamos tentar aproveitar as oportunidades que nos têm dado.

CAMPO — Colhemos muitos grelos de nabo e de couve para a nossa cozinha. O tempo está muito incerto. Tanto faz sol como chuva. Em Abril, como diz o Povo, «águas mil». Campos verdejantes, coloridos. As laranjeiras em flor! O «Cascais» e o Domingos Luciano cortam a erva para as vacas.

DESPORTO — Realizámos, na Sexta-Feira Santa, um jogo com antigos Gaiatos.

A primeira vez que jogámos com eles, perdemos; na segunda, empátamos; mas, agora, vencemos por 2-0!

Continuamos a convidar equipas de futebol que nos queiram defrontar, pois estamos à vossa espera.

AGRADECIMENTO — Vão oferecer um equipamento de futebol e a escolha da sua cor. Pedimos o verde, pois temos outras e falta a cor do Sporting.

A nossa gratidão pela oferta.

Ângelo Duarte Félix Ferreira

Conferência de Paço de Sousa

• É mãe solteira. Doente. Trabalha no que pode — como pode.

Há tempos, conseguimos-lhe um abrigo. Está no que é seu: Património dos Pobres.

Quando os achaques são mais fortes, não consegue ganhar o pão-de-cada-dia, muito menos ir à farmácia pelo receituário.

— *Esta noute (com a receita do médico na mão) disse à meu filho que não tinha acajo nada p'ra comer...*

As lágrimas correm no rosto da mulher. Merecem respeito, pois na maior parte das vezes são um atestado de pobreza, tão ou mais seguro que os formalizados em papel azul, de vinte e cinco linhas.

— *Preciso duma ajudinha p'ra me tratar... Não tenho dinheiro prà botica!*

Resolvemos o problema. Imediatamente.

Um estudo da Comissão Europeia sobre os Doze, ora divulgado, chega à conclusão de que, em Portugal, o Estado apenas atribui à Segurança Social uma verba equivalente a 13,4 por cento do produto interno bruto. Estamos em último lugar, na lista dos doze países europeus, bem longe da média comunitária: 25,6 por cento.

Temos um longo caminho a percorrer!

PARTILHA — Cinco notas de conto, da assinante 49562: «Perdoem a insignificância. Rogo e agradeço o anonimato». Assinante 26471: um vale postal destinado «a uma senhora idosa e doente», relativo a Março e Abril, «acrescido de mil escudos, pequena recordação da Páscoa». Mais uma presença da assinante 25637, de Vila Nova de Gaia: «pequena lembrança pascal».

Comparece a assinante 45668 que manda, da sua poupança, «um cheque de dez contos para se aplicar no que fizer

mais falta: telhado de alguém, remédios na farmácia (resolveu o caso acima referido), a conta na mercearia. (...) Anonimato completo! Sou uma amiga que pensa nos Pobres e é feliz por partilhar o fruto do seu trabalho».

Um cheque da assinante 31104 que perora uma oração para suportar a pesada cruz. Mensagem e donativo do assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Acreditamos verdadeiramente na Ressurreição do Senhor e ponhamos, todos, a nossa alegria de acordo com essa grande verdade. Desse modo, revestidos de muita fé e alegria, caminhemos sempre ao encontro de Jesus».

Migalhas da assinante 49647. Vale do correio, de Amélia, em Santarém. Pequena folha pautada, com recortes desta coluna, bem agrafados, capeiam o óbulo da assinante 24851. Notícias da assinante 7769, do Porto, repartindo com os nossos Pobres — anonimamente — e pedindo «uma palavra» n'O GAIATO. Outro remanescente de contas, do assinante 10610, «para o que melhor aprover». Anónima, de Fiães, um «cheque de três mil escudos para uma viúva necessitada, a cargo da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

Mais sobras de contas com O GAIATO, de boa Amiga, em Belazaima do Chão. Cheque, da rua do Campo Lindo, Porto, com a amizade de sempre. Outro, com muita perseverança, de «Uma assinante de Paço de Arcos»; partilha de Fevereiro e Março, com votos de santa Páscoa — que retribuimos a todos os componentes da procissão.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Mais uma vez, houve mudança no corpo técnico do nosso Grupo. As «chicotadas» psicológicas não se dão só nos grandes clubes, também chegam até nós!

Os novos treinadores começaram o trabalho no sábado, dia 8, com um treino não muito puxado. Todos colaboraram com óptima disposição. No dia 9 (domingo), o corpo técnico pôs à prova a sua capacidade, pois fomos defrontar uma equipa de Castelo de Paiva. Jogo com bons pormenores, muito bem disputado por ambas as equipas.

Acabámos a vencer por margem aceitável: 6-3.

A equipa está de parabéns.

PASTORÍCIA — As ovelhas embelezam os montes da nossa mata!

Correm. Saltam. São muito bem tratadas pelos nossos vaqueiros.

APICULTURA — As abelhas merecem os cuidados necessários na fase que atravessam. Precisam de ser alimentadas para não morrerem. É isso que o Neca faz. Uma operação muito delicada, pois se não lhes dermos algo mais — não produzem o suficiente.

Paulo Jorge S. Lourenço

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Bem certo que nem só pão e roupas... Vale tanto o conforto de uma palavra amiga!

Nasceu este pensamento da carta que

a nossa amiga M. H. Botas nos escreveu, da Alemanha.

Grande mãe e vicentina do coração! Digo-lhe que a sua cartinha nos fez muito bem. Vamos esforçar-nos por levar aos nossos Pobres essa palavra amiga e, ao lado do pão, sempre uma luzinha de Deus.

Tantas ajudas!

Da assinante 35165: «Vai uma migalhinha para juntar a outras». De Marcelo S. Fontes, para as amêndoas, 5.000\$00; para a necessitada da rua de S. Viterbo, 1.500\$00; pela alma de José, 100\$00; da

assinante 43450, 10.000\$00 «para minorar a situação da Floripes»; do assinante 14590, para uma viúva e para telhas dum telhado; da nossa amiga M. Botas, da Alemanha, 20 marcos; mais — várias vezes — 2.000\$00 do nosso amigo M. M., do Porto. «As renúncias desta Quaresma para os mais necessitados», com 12.600\$00 da Mena e do Jorge. «Para ajuda do leite da menina que a mãe deixou», 500\$00. Mais 1.200\$00, do assinante 44492. Anónimo, de Ermesinde, 4.000\$00, desejando ver nos Pobres o rosto de Jesus. Assinante 19177, do Porto, com 2.400\$00. Anó-

nimos, no Lar do Porto. O Senhor viu.

Só e viúva, assinante 4453, 1.000\$00. Ele está consigo. De Famalicão, a assinante 14081 com seis mil. Mais, no Lar do Porto, de J. R. D., 5.000\$00 para as amêndoas. «Para a casinha de Miragaia, por alma de minha filha Maria Teresa», 9.000\$00. Maria B. L. Sousa: «Vão 10.000\$00 para os nossos irmãos que mais precisam». Assinante 4453, 500\$00.

Como se perdeu a crónica do Alexandre e Emília, não serão publicadas algumas ofertas. O Senhor já apontou. Que Ele dê a todos as maiores alegrias e bênçãos.

Um vicentino

Do que nós necessitamos

A nossa vida é feita com pedaços de vidas. Não admira, pois, que o bem apareça, se espalhe e bata à porta de tantos. Pai Américo intitulava-se o recoveiro dos Pobres. Somos o ponto de encontro da bondade semeada em vós. Sentimo-nos pequeninos, «servos inúteis», por isso.

«Junto envio um vale de correio de 50.000\$00, dinheiro que fui juntando ao longo da vida, com algum sacrifício, mas fico feliz de poder ajudar os mais pobres.» Mais um passo em frente e «o abraço amigo, esperando que nunca falem pessoas que se dediquem à vossa tarefa, pois dinheiro é o mais fácil de dar e arranjar». Junta 70.000\$00, de familiar que deseja ficar no anonimato. A perseverança das três amigas, com a nota de 500\$, todos os meses. Folha de papel em branco e anónimo cobre cheque de dez mil. Do assinante 13959, 100 mil e o jornal O GAIATO para a filha. Metade, de Maria Cândida, com o carinho dos 70 anos. Partilhas da Quaresma e da alegria da Páscoa: de alunos e professores de escolas; de crianças e adolescentes da catequese; de adultos que deixaram de tomar o seu café, de fumar o cigarro, de comprar o supérfluo.

A preguiça, por vezes, pode mais que a vontade. Quanto bem podíamos fazer e não fazemos! Os pecados de omissão também são matéria do Juízo. Pedimos perdão a Deus e aos Pobres.

Jaime Montenegro põe de parte o quinhão dos Pobres com regularidade. Um grupo de jovens, de Vale de Cambra, veio, há tempos, e deixou marcada a sua passagem com 25.000\$00 e lembranças. Pai, emigrante, partilha o fruto do seu trabalho com os Pobres do seu País. De Santo Tirso, 55 mil e «que Deus vos dê forças para ajudarem os que precisam e são tantos». Na cadeia da solidariedade estas contas são as de maior valor. Cada um no seu posto — ora na retaguarda, ora na linha da frente — pode fazer obra

de valor. Indiferença? Paralisia? Indecisão? As forças do mal aproveitam. Já o Senhor Jesus prevenia: Os filhos da noite não descansam. E os filhos do Reino do Pai? Mais: «Faço-o com o coração sangrando, pois, esta semana, o Senhor mimoseou-me com uma cruz, um pouco pesada». E manda 15.000\$00. Sem sangue não há redenção. Experimentamo-lo. O segredo da fecundidade da Obra da Rua é a Cruz donde brota a torrente de Vida. Agradecendo o anonimato, 25.000\$00. Da Fernanda, 1.200\$00.

Que a Obra é de Deus? Como podemos duvidar? De que muitos, sem o saber, são tocados pelo Espírito de Deus, não duvidamos. Que ela é caminho de reconciliação das consciências... confunde-nos a nossa fraqueza. «Que Deus continue a auxiliá-la para que possam multiplicar o Bem que fazem e que é um testemunho vivo de que a Caridade ainda existe na sociedade. Junto envio um cheque de 100.000\$00.» Recolhemos esta semente de esperança e lançamo-la ao vento para que a espalhe por toda a parte. Cinquenta mil, para que «os nossos irmãos mais pobres possam sentir, em seu peito, a Ressurreição de Jesus Cristo». Da Maia, 15.000\$00 e uma declaração de amor a O GAIATO — pois «gosto imenso de ler e reler, por vezes». Mais testemunhos: «Vai um cheque de 20.000\$00. Sei que é pouco e poderia dar mais; mas, neste momento, tive mesmo de fazer renúncia para o enviar. Sou uma egoísta!» Obrigado, Maria Gabriela, pelo anúncio do muito mais que vai fazer. Só caminha e sobe quem passa pelo patamar da pequenez. Um cartão pequenino do Vasco e da Manuela com sessenta mil. Que sejam um lar feliz!

Paremos um pouco para repousar e admirar a beleza do horizonte: «Tenho pena de não poder contribuir mais. Sou pai de cinco filhos; mas, com esforço e sacrifício,

vivemos felizes. Mas esta felicidade não pode permanecer só aqui, mas sim em toda a parte. Venho contribuir com 1.000\$00, esta pequeníssima quantia». Quem pesa e mede com verdade? Só Deus que vê o coração. As linhas deste pai, anónimo, são tiradas do Evangelho e passadas para a vida. Quem somos nós? Sinto-me mergulhado em torrente caudalosa que desce da montanha, cada vez mais elevada, de todos os lados. Eis: «Aqui estou, hoje, a mandar as minhas notícias... Fui operada a um tumor com células malignas... A minha estadia no Instituto foi uma lição para mim... Fui tratada com carinho. Gostei de ver a solidariedade que se gera entre os doentes, ajudando-se uns aos outros. Ao ver o sofrimento dos outros, esqueci o meu... Aqui vai o meu cheque (300.000\$00). Talvez por ter experimentado na carne o sofrimento, gostaria que o dividisse pelo Calvário... Por favor, não agradeça. O Senhor dá-me mais do que necessito e eu, repartindo, só cumprio a minha obrigação...» Que dizer? Silêncio! Sim, Irmã Maria Angelina, recebemos os 80 mil da família duma das suas Irmãs. Mas vós também precisais de muito para realizar o trabalho sublime de ajudar as mães solteiras. É assim o viver de quem se dá! Da assinante 35860, 185.000\$00 e «quero ficar anónima».

Dos pecadores arrependidos é o Reino dos Céus. Estes são os violentos que arrebatam a felicidade, quando decidem dar morte à rotina de um quotidiano absorvente que os afasta da celebração festiva da Vida. «Mas desejando celebrar a Páscoa com a Obra da Rua, junto envio a minha modesta participação para a Grande Festa da Ressurreição. Peço aceite, particularmente, a minha intenção de partilhar no Pão comum dos Rapazes de toda a Comunidade



SETÚBAL

O problema trágico da criança integrada na marginalidade está aí, como um sinal dos nossos dias denunciador evidente da ineficácia das leis e da impotência geral.

A comunicação social dá conta de alguns casos que são uma ténue amostra da larga e assustadora realidade. Quem anda pelas cadeias e contacta, de perto, com as vítimas sociais, adquire, rapidamente, esta convicção: a miséria humana é a fonte principal, e quase exclusiva, da população encarcerada.

Não é só diminuindo as penas, reduzindo-as, de facto, no seu cumprimento a metade, facilitando o regresso ao convívio livre, após boas provas na reclusão, esta convicção: a miséria humana é a fonte principal, e quase exclusiva, da população encarcerada.

Não é só diminuindo as penas, reduzindo-as, de facto, no seu cumprimento a metade, facilitando o regresso ao convívio livre, após boas provas na reclusão, esta convicção: a miséria humana é a fonte principal, e quase exclusiva, da população encarcerada.

Neste campo, o Ministério da Justiça, virtualmente conhecedor da realidade sociológica das prisões, em vez de pôr remédios, como geralmente faz, devia ter a coragem de denunciar, Ele Próprio, a ineficácia e a contradição das leis que regem o poder paternal, alargando os direitos da criança e restringindo a propriedade humana dos progenitores que não exercem a paternidade, fazendo respeitar as inalteráveis leis da natureza humana. Devia fazê-lo pelo respeito que a Si Próprio deve. Que em vez de Ministério da Justiça se não transforme, tantas vezes, em ministério da injustiça.

Quando uma sociedade como a nossa, com as capacidades e possibilidades que manifesta, permite que os inocentes se tornem criminosos porque lhes foi negado aquilo a que tinham direito, perde toda a razão, todo o equilíbrio e toda a Justiça.

Os criminosos podem proclamar num grito incontrolado de revolta: — A sociedade é que é culpada da nossa situação.

Quem visita as cadeias, ou nelas trabalha, com inteligência e consciência, ouve esta verdade em todos os recantos, expressa em amarguras indescritíveis de impotência. É a vingança da própria natureza humana.

Raro é o dia e, nenhuma a semana, que me não vejo em palpos de aranha com aflições sem solução.

Ele é tão fácil ficarmos na teoria, na crítica, na contestação, na análise, na denúncia, ou mesmo na resignação. É tão fácil... e tão cómodo!... Até a consciência se tranquiliza porque se denunciou ou criticou.

Ando amargurado com o caso de quatro inocentes, filhos de um par marginal, que vive das esmolas dos filhos e de outros artificios.

Ele, o progenitor, preso, várias vezes, é bem conhecido da polícia que, de vez em quando, faz rusgas à sua espelunca em virtude de o mesmo estar ligado a várias redes de malfeitoria. A autoridade policial conhece, por isso, a situação. As técnicas de Acção Social sabem também do problema. A vizinhança vai dando esmolas, lamentando e sofrendo a degradação progressiva dos inocentes. Alguns agentes da Justiça ouviram relatar a tragédia! Mas... ninguém faz nada.

Quando as cabeças das infelizes crianças se enchem de parasitas, rapam-lhes o cabelo à navalha. Vestem roupas que lhes dão — hoje há muita roupa — até a sujarem; depois, atiram-na para o monturo.

A filha mais velha, de oito anos, que dorme com o tio quando não vai dormir com ele a namorada, foi proibida de frequentar a escola, pelos progenitores, para andar na pedincha. Todos levam pancada se não trazem para o tugúrio dinheiro e comida. Os vizinhos mais conscientes vivem horrorizados pela tragédia a que estas crianças são condenadas, mas... não sabem... não querem... têm medo das represálias e... vão-se resignando.

Olha que eu não invento. Isto passa-se aqui perto. Dentro da cidade de Setúbal e... alguns que me lêem conhecem bem o caso.

Que valem as leis? Os tribunais? A polícia? As técnicas sociais? A sociedade com as suas estruturas e mecanismos?

Quase sempre só tapam os olhos a um mundo instalado.

Este caso centuplica-se por esse País, sobretudo nos grandes centros.

Quem deve agir? Quem deve dar o primeiro empurrão?

Tantas famílias à procura de crian-

ças e tanta criança desgraçada!... Só porque... ou... talvez... até porque... haverá forças interessadas em manter estas fontes?!...

De vez em quando aparecem notícias dos grandes e assombrosos desmantelamentos de quadrilhas que a Judiciária ou outras forças policiais levam a cabo.

Normalmente, o repórter dessas acções fica-se ingenuamente nos grandes elogios à instituição policial, ao seu comandante ou agentes. Nunca vai saber das razões profundas que

determinaram a constituição da rede, não analisa elemento por elemento: como foi a sua educação, quem foram os seus progenitores, como viveu enquanto criança ou adolescente e... o que poderia ter sido... se, verdadeiramente, lhe tivéssemos dado a mão.

Parece que ninguém quer ver a realidade. Todos proclamam a beleza ilusória do vestido do Rei quando, na verdade, ele vai nu.

Padre Acílio

Património dos Pobres

Neste meu peregrinar por terras do interior tenho dado com situações de miséria que são o último grau de pobreza.

Este casal tem cinco filhos menores. Vivem todos num palheiro, há anos, como animais. Nunca pensaram em sair dali. Resignados, acomodados, vegetam. Ter uma casa decente nunca lhes passou pela mente. Hoje acordam, como de uma noite de insónias, meio aturdidos, quando se lhes propõe ajuda para erguerem uma habitação. Pároco e comunidade vão lançar mãos à obra. Creio que neste momento esta família já sonha. E a realidade há-de ser.

Aqui são oito. A casita, de dois compartimentos, era fraca, com piso térreo, sem algum conforto. Entretanto, o telhado abateu e acabou por cair. Garagem inacabada serve, por esmola, de abrigo provisório. A chuva, no entanto, trespassa a placa de cimento e pinga nos leitos. Também aqui a paróquia intervém e se mobiliza com materiais e mão-de-obra. Vai mesmo dar outra arrumação ao espaço. Que bom ver cristãos interessados nas aflições dos Pobres!

Além, são doze filhos. Os pais, muito pobres e sem iniciativa nem estímulos, mostram-nos a casa, em completo desleixo. É uma escola de degradação esta moradia, pequena para tanta gente. Os vicentinos vão proceder a uma ampliação e a uma presença mais assídua a esta família. Quem quer colher tem que semear.

Este homem é angolano. A mulher deixou-o com três filhos pequenos. Vive num curral. Ouvem-se os animais, ao lado. Também aqui, o desleixo invadiu tudo e todos. Não comem em casa. Não há mesmo quem saiba cozinhar. Por isso, vão todos à sopa dos Pobres, na vila.

Ouve-se dizer, por aí, que já não há Pobres. Eu não quero pôr o acento tónico no «havemos de os ter sempre connosco» do Evangelho mas, na curta visão de quem tal afirma. Talvez os não haja tão à vista e nas circunstâncias de outros tempos. Mas os Pobres encontram-se por aí, muitos deles até de roupa lavada. Contudo, para os descobrir, é preciso andar atento. É necessário procurá-los onde eles estão.

Hoje, os Pobres não vêm à nossa porta como antigamente. Não andam de sacola a pedir. Esses que ainda assim procedem, não são os mais pobres. Às vezes nem o são. Os verdadeiros escondem a sua pobreza. Disfarçam e sofrem. Muitos nem têm capacidade para entender que são realmente pobres. Alguns caíram até tão fundo na miséria, que dela nem sabem sair, nem pensam que dela possam vir a sair.

É preciso, pois, um esforço para ir descobri-los. Ao cristão é pedido mesmo um duplo esforço — o da fé — para ver Cristo nos Pobres e o da procura dos Pobres pelos recantos onde vivem. E, depois de os encontrar, verá como há muito a fazer.

O dono dum hotel de várias estrelas, dizia-me, há tempos, que ali há banquetes todos os dias. Pensei que o afirmasse por contentamento. Mas não.

— Isto é um escândalo. São as empresas que os encomendam para não apresentarem lucros grandes.

É notório que este senhor se entristeça, apesar do bom proveito que colhe com tais jantaras.

— É que passa das marcas! Todos os dias!

Não vamos criticar que se coma. Mas, sim, apelar para que todos comam. E cada qual do que precisa. Ora, pelo que tenho andado a ver, há meses, os Pobres precisam de casas. É a sua ansia. E como seria bom que uma percentagem daquele dispêndio em banquetes fosse para telhas, tijolos e areia! Eles, os Pobres, arranjam a mão-de-obra. Os materiais é que não. Uma lagosta, uns whisky, uns etc. a menos, não empobrecem, por certo, a refeição de quem tem muito por onde escolher, e como seria boa a partilha e rendoso o lucro para todos!

Fica muito por comunicar...

Padre Manuel António

Padre Baptista

e sua riqueza espiritual.» Veio o cheque, escondido, de 50 mil. Outro tanto, dum Engenheiro que cumprimenta e deseja Santa Páscoa. Vários donativos e assinaturas, dentro dum saco de plástico que somam 80.400\$00. Letra humilde a compor duas linhas, em folha de papel comum e mil escudos. De V. N. de Gaia, o pedido «para não voltarem a agradecer o pouco que vos mando. Eu é que agradeço o bem que fazeis...» e dois mil. Ofertório pascal de Eugénia e Fernando, dez mil. C. F., discretamente, manda 500\$, em selos de correio. Amiga, da E. D. P., do Porto, com seis mil.

Mais um pedaço de sabor evangélico: «Junto um cheque para ajudar a 'nossa' Obra. Quero que me ajudeis também a fazer render os 'talentos' para que o Senhor ao chegar encontre lucro... Agradecida.» Manuel e Lina, acreditado que o Senhor aceita todo o sacrifício que tereis ainda que enfrentar com a doença do vosso pai. Os vossos 10.000\$00 chegaram. Como se não bastasse a oferta de 200 pintos fêmeas, do aviário Santa Cita, as mãos do grande amigo, mulher e filhos completam com 50.000\$00 a alegria do dom. Sr. Engenheiro, da

R. da Constituição (Porto), vem, mais uma vez, com 15.000\$00. Não dizemos o nome para não magoar.

As senhoras, do Candal, permanecem firmes como a rocha, no seu posto. Pedem desculpa do atraso. Têm, mesmo, coração de mães: «Queríamos acabar uns trabalhos para assim podermos enviar um pouquinho mais para a nossa querida Obra. Enviamos um cheque de 70.000\$00». Bem hajam! Não é necessário acusar a recepção destas cartas para evitar despesas: 10.000\$00, da assinante 24413; da Rosa, do Carlos e da Mónica; 24.000\$00, depositados no BESCL, de um grupo de bancários, pelas mãos de Maria Joana; mil, por cada filho (7.000\$00), de Noémia, de Travanca — Feira, pelo coração do pároco; 16.000\$00, de Mimosas; da assinante 18478, três mil e a alegria de tirar do que tem, para dar; de Avintes, cinco mil; a presença muito amiga de M. M.

O arrependimento pelo desleixo na Aleluia para todos e a penitência, enviando um grande abraço, acompanhado de migalha anónima, como sempre. De leitora de O GAIATO, «com encanto e com espanto — tanto maior quanto é certo

que o mundo está cada vez mais surdo», 1.000\$00. Na altura própria daremos notícia dos livros escolares.

É verdade: Quanto é humilhante a condição humana se não dermos as mãos uns aos outros! É caminhada longa e trabalhosa. Mas nem tudo é espinhoso. O sol também sorri. É preciso saber deixá-lo entrar. Sim, recebemos os 5.000\$00, do extremo sul. Dos alunos e professores da Escola n.º 2, de Pousos, uma carta feliz. Já agradecei.

O horizonte alarga-se cada vez mais. O caminho andado é cheio de mensagem. Continuaremos a subir, de mãos dadas, em atitude de gratidão: «Com um muito obrigado pela vossa visita regular e pelos momentos de reflexão que me proporcionam e também pela intranquilidade que provocam, obrigando a olhar o mundo que nos cerca — às vezes a rapidez com que temos que viver nem deixa que nos apercebamos de que poderíamos fazer os outros mais felizes! Obrigado por despertarem a minha consciência regularmente!»

Fica muito por comunicar...

Padre Manuel António

Padre Baptista

DOCTRINA



...a quem o Pai do Céu dá de comer e de vestir

• A Sopa de hoje é já feita em plena vida da Colónia, no barulho das queixas, na bicha das merendas, no espanto do ovo cozido em prato de feijão frade e no delírio dos vivos às galinhas da terra. Tão miudinhos e tão filhos de ninguém que alguns deles passaram pela malha em Coimbra sem se dar conta de tal. Eu também fingi não dar fé dos intrusos e, agora, todo me regalo de os ter ao pé de mim, onze, que nem sequer ocupam espaço, pois que os trago no coração. Um deles fez um grande galo da cama abaixo a «sonhar com a mãe»; e quanto a mapas..., tudo tem segurado a noite apesar de termos cá gente na casa dos sete. De maneira que, com os onze japoneses e lançando contas à cozinheira e à costureira e à despenseira e às serventes e aos rapazes que dirigem, temos setenta e quatro bocas abertas, num período de cinquenta dias, todos de vinte e quatro horas. Não é temeridade, é muita confiança.

• Faze na mesma, bom leitor, com a tua vida. Não tenhas medo dela, nem dos teus dinheiros, nem da tua pobreza, nem dos teus males, nem da guerra de Espanha, nem da hora que passa. Não receies nada disto e lança-te inteiramente, absolutamente, no seio do nosso Deus Vivo e Ele cuidará de ti.

• Olha esta Sopa dos Pobres. Não tem rendas nem celeiros, não semeia nem colhe, não fia nem tece — trabalha; e nunca ninguém lhe bateu à porta que a não toposse já à espera, cingida, de braços abertos. Terra de regadio, fonte que nunca seca, algibeiras gastas do rodopio de dar e receber, vida alta, volúpia divina — confiança.

• Quando Jesus benze o pão, é sempre muito mais o que sobra do que o que se consome. Já reparaste na chuva miudinha feita da grande violência que os pequeninos da Colónia fazem aos corações do mundo, porque primeiro o fazem ao Coração de Jesus? Conta, se podes, as estrelas do céu! Nem as migalhas da Sopa, ofertas de toda a hora!

• Acredita na Eternidade! Se até aqui duvidavas e não sabias quem é o Mestre, como sucedeu ao cego do Evangelho, agora que já O viste passar, prostra-te no chão e faz um acto de fé.

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

CALVÁRIO



Avô e neto? Está mesmo a pedir, mas não. Ele é o nosso «Boby» mais o Mendes

NOTAS DA QUINZENA

• Estas notas são dedicadas à família. Vou seguro pelas mãos dum garoto que chegou, há dias. O Aníbal vai fazer 12 anos, no próximo mês de Junho. Os cabelos compridos e desgrenhados; os olhos vivos num rosto adelgado e moreno; a cabeça irrequieta, em constante rodopio, como se batida por vento forte; indícios claros do vadio da rua, na rampa da marginalidade, a caminho das celas das cadeias espalhadas pelo País.

Da varanda do escritório onde foi recebido, como a pessoa mais importante do grupo, mostrei-lhe a nossa Aldeia. Tudo o que via seria dele, se quisesse ficar conosco. O seu interior era um vulcão que ia vomitando lava sob a forma de lágrimas escaldantes. Diante de si, um mundo belo, capaz de o fazer feliz. Atrás de si, o mundo da vadiagem, bem vivido já, com os companheiros que ficaram, vida sem rei nem roque, a rua, o abandono, o vício, o caminho do crime. Momento decisivo! Tinha que fazer a primeira opção séria da sua vida de criança. Ficou.

O Rolando, pouco mais velho do que ele, dá-lhe a mão, leva-o ao barbeiro, de seguida ao chuveiro e à rouparia. Foram os primeiros passos duma vida nova na história do Aníbal. Parecia outro. Já era outro.

Que fizemos de especial? O pequeno tem familiares em quantidade. Mas não tem família. Falta-lhe o lar. O bafo quente do amor de mãe, soprado amorosamente pelo do pai, fazendo a unidade da família, onde reina a paz, desapareceram da vida do Aníbal. Há que restituir-lhe o que lhe foi tirado. A família é tudo na vida duma criança. Sem um lar unido e estável vem a destruição do que há de mais íntimo no ser humano — a vocação à unidade, à comunhão. Famílias desfeitas são a desgraça maior dum povo. A saúde da nação vê-se, toca-se na unidade e estabilidade da família. O Aníbal é mais uma vítima a clamar pela família unida. São tantas, tantas as vítimas!

• O Bruno continua à espera, lá fora. Tem 5 anos franzinos. Não é falta de lugar, nem de cama, nem de cadeira à mesa. Falta-lhe o mais importante: o coração da mãe. Se estes garotos perderam a mãe que os trouxe no ventre, não perderam o gosto de a ter nem a necessidade dela. Quanto mais pequeninos, mais precisam. Fazemos um acto de Fé! O Evangelho não mente. De contrário, seríamos as criaturas mais infelizes. Será que no seio do Povo de Deus não há mulheres, ao jeito de Maria que tudo deixou para cuidar do Filho de Deus? Quem são estes pequeninos? Qual a diferença entre eles e Jesus? Fazemos um acto de Fé! Admiro a Sirofenícia, que sendo estrangeira, indiferente a tudo e a todos, confundida no meio da multidão, vai e arranca do Senhor o que outras, de dentro, não conseguiram. O Bruno não poderá esperar muito mais tempo!

Padre Manuel António

Os sorrisos, sim, são de um avô desvelado e de um neto amoroso. Amoroso? Para nós, sim. Nem sequer pensamos que este neto tem a idade de 24 anos e a mentalidade de um bebé de meses. O seu sorriso, feliz, vale para nós um mundo!

Para as pessoas apegadas à fumaça dos bens materiais — à beleza do corpo e aos dotes de inteligência — o Mendes é um farrapinho de limpar o chão...

Mas quem é o Mendes? A carta do Centro de Saúde Mental Infantil, de Coimbra, reza assim: «Trata-se de um doente que se desloca em cadeira de rodas, não tendo qualquer possibilidade de se alimentar ou controlar os esfíncteres. É muito sensível a todas as manifestações afectivas. Não tem qualquer familiar, uma vez que a mãe faleceu numa clínica psiquiátrica e o pai foi sempre desconhecido». E pronto. Cá está o nosso Mendes.

O pai é um desconhecido!
Um transeunte qualquer!
Se não morreu prestará contas...
Se já, que o sorriso do filho lhe alcance o perdão de Deus.

O importante, no trato com os deficientes, é o amor. Um amor igual ao daquela mãe que conheci e se esquecia de que o seu filho, deficiente profundo, era um matulão de 30 anos e o chamava de «seu menino!», com tanta ternura no olhar, nas mãos e na fala — a sair do coração!

Nunca mais esquecerei aquele olhar!

Somente casas, camas, relatórios, fichas e comida não basta...

Necessário, pôr o Amor e multiplicá-lo nas centenas de gestos quotidianos, pelo carinho e pela ternura.

Padre Telmo

AQUI, LISBOA!

Cont. da pág. 1

viços Sociais, brigadas com a missão *ex-professo* de acompanhar e responder aos aspectos citados, destrinchando o que é verdadeiro do que é mistificação e, depois, agir em conformidade.

Com frequência se nos deparam os peditórios mais variados, que sabemos constituírem uma autêntica burla. A Polícia é de todo impotente e, quando confrontada com as situações, fecha os olhos ou informa que a área de actuação dos oportunistas não lhe pertence. Tem sido assim, pelo menos, quando alertados os senhores guardas para os falsos peditórios em favor desta Instituição, por Amigos que conhecem bem a índole da Obra do Padre Américo, que não faz, como nunca fez, peditórios nas ruas. No entanto, com frequência, somos avisados, até pelo

telefone, que grupos de raparigas, geralmente comandadas por «mestres», se abeiraram daqueles que calcorreiam as artérias de Lisboa, pedindo «para os meninos do Padre Américo».

No outro dia, quando precisamente nos dirigíamos para almoçar, deparamos com um homem de meia idade, andrajoso, com um cartão expressando os dizeres que encimam este escrito. Quase perdemos a vontade de comer e ficámos perplexos. Devemos dizer que nada demos porque entendemos não ser a esmola, na rua, o meio eficaz de resolver os problemas. Dentro de nós, porém, ficou a dúvida sobre a verdade do escrito e, ao longo dos dias, tal nos

tem vindo ao pensamento, criando problemas de consciência. Sim, porque quem nunca passou fome não faz ideia nenhuma do que é passar por essa situação.

Temos passado a maior parte da vida a estender a mão aos necessitados e na Casa de que somos responsáveis, nunca se negou o caldo a quem aparece para comer; e assim se continuará a proceder. Simplesmente, o caso apontado, que trazemos hoje em partilha, não tem deixado de nos inquietar. Bom seria que as sugeridas «brigadas sociais» fossem, pois, uma realidade.

Padre Luiz

TRIBUNA de Coimbra

Ontem, à hora do jantar, o «Bolacha» veio dizer-me: — *Morreu a senhora Cecília.*

Deu-lhe mais uma dor e não resistiu. O Senhor Deus levou-a para Sua Casa. Bendito seja! Dei-lhe graças por esta eleita, que Ele fez.

A Cecília foi um modelo. Colhi dela lições admiráveis. Como esposa. Como mãe. Como irmã. Um amor sem gelhas. Toda ela era coração. Mesmo com a doença.

A sua vida foi servir. Servir a Deus e a todos onde podia chegar. Sempre humilde. Sempre pobre. Sempre *sem nada de seu*. Um coração rico!

A salvação da sua alma era a sua maior preocupação. *Primeiro, amar a Deus que é Pai da bondade.* Nunca trocou Deus por qualquer outro bem. Até ao fim.

A humilde casa do Património dos Pobres — onde quase sempre viveu — foi o seu jardim de flores. *A minha casinha que não é minha.*

O marido e os cinco filhos choravam com lágrimas de dor, à volta do caixão, a esposa e a mãe que perderam nesta vida.

O nosso «Chola» — que à noite foi comigo rezar um pouco junto do corpo morto da Cecília — disse-me enternecido: — *Nos anos em que estive em nossa Casa a tratar o gado, tantas vezes me deu a merenda que levava! Era tão boa esta mulher!*

Que o seu testemunho de bondade e de serviço fique enraizado em todos nós. Que a sua memória permaneça. Que viva entre os eleitos de Deus.

Padre Horácio

FESTAS

Continuação da página 1

dos nossos Amigos. Ai, toda a sedução e maravilha que são as Festas dos Gaiatos.

Padre Acílio

SUL

22 de ABRIL, 21,30 h — Sociedade QUINTA DO ANJO
29 » » » — Sociedade Os Loureiros — PALMELA
30 » » » — Sociedade de CABANAS
5 » MAIO » — Sociedade Perpétua Azeltonense AZEITÃO
6 » » » — Inúvel Almadense — ALMADA
12 » » » — Luísa Tody — SETÚBAL
20 » » » — Centro Paroquial da COVA DA PIEDADE
24 » » » — Sociedade Operária Amorense — AMORA

CENTRO

22 de ABRIL 21,30 h — Salão da Casa do Povo — MIRA
29 » » » — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE
30 » » 15,30 h — Teatro Alves Coelho — ARGANIL
5 » MAIO 21,30 h — Salão do Casino — FUNDÃO
6 » » 15,30 h — Teatro-Cine — COVILHÃ
7 » » » — Salão da Misericórdia CASTELO BRANCO
18 » » 21,30 h — Teatro de Anadia — ANADIA
19 » » » — Cine-Teatro — TOMAR
20 » » » — Salão dos Bombeiros — LOUSÃ
21 » » 15,30 h — Sala do Casino — FIGUEIRA DA FOZ
27 » » 21,30 h — Cinema Messias — MEALHADA



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Folcomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788098